



Acta Scientiarum. Language and Culture

ISSN: 1983-4675

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Brocchetto Ramos, Flávia; Vieira da Silva, Angélica
Histórias contadas e seu papel na formação do ser humano
Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 33, núm. 1, 2011, pp. 163-165
Universidade Estadual de Maringá
.jpg, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426647023>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Histórias contadas e seu papel na formação do ser humano

MANGUEL, Alberto. **A cidade das palavras**: as histórias que contamos para saber quem somos. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 152 p. ISBN: 8535912975.

Flávia Brocchetto Ramos* e Angélica Vieira da Silva

*Universidade de Caxias do Sul, Rua Antonio Xavier da Luz, 710, 95070-040, Bairro Petrópolis, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: ramos.fb@gmail.com*

A epígrafe sinaliza que a linguagem não tem, por exemplo, apenas o papel de nomear seres ou situações ou que é uma mera ferramenta empregada na comunicação humana. Ela é mais porque nos constituímos por linguagem, nos revelamos pela linguagem, enfim, somos seres de linguagem. Se observarmos atentamente o mundo globalizado onde vivemos, encontramos vários elementos que se repetem nas mais variadas classes sociais e espaços geográficos, como moradias, transportes, vestuário, escolas, entre outros. Permeando esses elementos, há outros com o poder de criar, retratar, extrapolar e cultivar a vida e, nessa categoria, destacamos a linguagem humana. Entre as diversas manifestações da linguagem, Alberto Manguel elege a narrativa como aquela que melhor sintetiza a natureza do ser humano, independentemente da época ou do espaço focalizado.

Nessa perspectiva, Manguel escreve “A cidade das palavras”: as histórias que contamos para saber quem nós somos. O escritor argentino, hoje cidadão canadense, lança a obra, em 2008, no Brasil, pela editora Companhia das Letras, por onde também publicou “Uma história da leitura”, sua obra mais conhecida, “A biblioteca, à noite, O amante detalhista, Dicionário de lugares imaginários, Lendo imagens, Os livros e os dias, No bosque do espelho e Stevenson sob as palmeiras”.

Esse novo livro foi publicado em 2007, no Canadá, e já chegou aos leitores brasileiros pela tradução de Samuel Titan Jr. A obra de 152 páginas é formada por cinco capítulos: “A voz de Cassandra”, “As tabuletas de Gilgamesh”, “Os tijolos de Babel”, “Os livros de dom Quixote”, “A tela de Hal”. Cada um dos capítulos apresenta uma reflexão consistente, a partir de grandes obras da humanidade, sobre os motivos que fazem com que os humanos vivam juntos.

Manguel é um grande leitor e estudioso da natureza humana. Na juventude teve o privilégio de ser leitor de Jorge Luis Borges e, com isso, também

foi guiado pelas indicações do grande escritor argentino. Nesta obra, é enfatizado o papel da linguagem como um aspecto que torna o homem gregário. Já na introdução, afirma que somos animais fadados a viver juntos e questiona qual o papel do contador de histórias na sociedade, e também como as histórias nos auxiliam na percepção de nós mesmos.

No primeiro capítulo, “A voz de Cassandra”, apresenta a história de Alfred Döblin, um dos grandes romancistas do século XX, autor de “Berlin Alexanderplatz”, “Novembro de 1918” e “Trilogia do Amazonas”. Considera a escrita um mecanismo que faz com que o homem movimente-se entre o passado e o futuro, refletindo ao mesmo tempo sobre histórias da humanidade e também sobre a realidade em formação. Para Manguel, Döblin observa que a linguagem é a principal razão pela qual vivemos juntos, pois ao nos pronunciarmos, sentimos necessidade de um retorno do dito.

Encontramos, ainda nesse capítulo, apontamentos sobre o ato de ler, considerado pelo autor como “uma operação da memória por meio da qual as histórias nos permitem desfrutar da experiência passada e alheia como se fosse a nossa própria” (p. 19). Enfatiza o mito de Cassandra, comparando-a com os leitores desinteressados, já que, da mesma forma que as palavras da personagem eram desacreditadas, há aqueles leitores que ignoram as palavras do livro. E, por fim, Manguel exalta a literatura por ser não-dogmática, ou seja, ela “registra fatos, mas não estabelece postulados absolutos, não impõe princípios indiscutíveis, não oferece identidades unívocas” (p. 30). Em síntese, Cassandra não escuta histórias, ela inventa as suas origens e o leitor é, de certa forma, também um inventor.

Em “As tabuletas de Gilgamesh”, Manguel, por meio do poema Gilgamesh, continua expondo suas reflexões sobre as histórias e a importância do outro para o nosso autoconhecimento. No poema

menção, há a presença de uma história dentro de outra, remetendo à versão de “A Bela e a Fera”. Cita ainda que “para saber o que cada um é, são necessários ao menos dois homens” (p. 55) e exemplifica citando que, em Gilgamesh, Enkidu é o outro, o estrangeiro, aquele que deve ser eliminado. No entanto, ele passa a pertencer a Gilgamesh. Deixam de ser inimigos e se unem, de modo que cada um se define pela existência do outro. Como grande leitor, Manguel se vale de outras histórias para discutir a simbologia da epopeia de Gilgamesh, e sentencia que toda “história é uma interpretação de histórias: nenhuma leitura é inocente” (p. 50).

A discussão sobre as noções de identidade, de pertencimento e de outro é atual no momento em que se vive um multiculturalismo, se marca a diversidade, como uma forma de separação, ou melhor, de fragmentação ou até rejeição de povos e, consequentemente, de culturas.

No capítulo, “Os tijolos de Babel”, o mito de Babel é explorado pelo autor para aprofundar a ideia da linguagem como um elo de comunicação entre indivíduos que convivem em uma mesma sociedade, talvez na mesma cultura. Mantendo o propósito da obra, Manguel enfoca a importância das histórias criadas com aspectos da realidade para o entendimento da humanidade.

A partir da epígrafe de Mallarmé “...dar um sentido mais puro às palavras da tribo...”, Manguel, neste capítulo, discorre sobre a função da língua que ora nos aproxima, ora nos afasta. Retoma o “Livro do Gênesis”, ressaltando que “as palavras exigem o conhecimento do outro, da capacidade alheia de ouvir e entender, ler e decifrar um código comum e nenhuma sociedade existe sem uma linguagem compartilhada por todos” (p. 59).

Apresentando aspectos da obra de vários autores, pontua a importância das narrativas e destaca que a origem da linguagem escrita, há mais de dez mil anos, foi criação de contadores. Acrescenta que a linguagem tem dupla virtude, pois tanto cria como transmite algo. O acervo de histórias se amplia, tornando-se necessário “desenvolver modos mais penetrantes e profundos de ler histórias cifradas” (p. 68). Conhecer o patrimônio cultural seria um direito do ser humano, porque, de um modo geral, somos “aquilo que a experiência prévia nos ensinou como indivíduos ou como comunidades” (p. 79).

Manguel visualiza a interação entre uma civilização e sua linguagem, concebendo que cada espécie de sociedade origina uma linguagem diferente e esta linguagem constrói histórias que transmitirão o pensamento daquela sociedade. Expõe também que toda “história é um triângulo que

envolve autor e leitor, leitor e protagonista, protagonista e autor” (p. 68).

No quarto capítulo, “Os livros de Dom Quixote”, Manguel, ao refletir sobre por que vivemos juntos, a partir da obra “Dom Quixote de La Mancha”, de Cervantes, discorre acerca de situações de subjugação que os espanhóis impuseram a judeus e a árabes. Mostra que, apesar das tentativas de aniquilar tais culturas, elas permaneceram vivas através de palavras e vestimentas dos espanhóis, entre outros aspectos. Ou seja, por mais que se tente, num confronto, eliminar uma cultura, ela encontra formas de sobreviver.

Manguel, após discorrer sobre a formação da Espanha, empresta as artimanhas narrativas empregadas por Cervantes, em “Dom Quixote de La Mancha”, para mostrar as marcas da cultura árabe e judaica presentes na obra, referindo tais culturas na Espanha. O autor ainda retoma Borges, o qual afirma que toda “leitura é uma interpretação, toda leitura revela as circunstâncias do leitor, das quais de resto deriva” (p. 104). Encerra essa parte, ressaltando que as histórias devem soar verdadeiras, em virtude dos procedimentos narrativos, mesmo sendo ficções inventadas.

No último capítulo, “A tela de Hal”, Manguel retoma a ideia das histórias que contam histórias. O título surge a partir do personagem Hal, do filme “2001, uma odisseia no espaço”. Hal é um computador programado para não cometer enganos, e mais, para eliminar erros. Desse modo, pretende eliminar os seres humanos, ou seja, aqueles que o criaram, mas que são a fonte de todos os erros. Em síntese, o homem cria mecanismos para se proteger, mas pode ser destruído por seu invento.

Segundo o autor, as histórias tanto descrevem o pior dos mundos como idealizam o melhor. Elas podem, portanto, “nos dizer quem somos, o que são essas ampolhetas pelas quais passamos, como podem nos ajudar a imaginar um futuro em que, sem finais felizes e confortáveis, possamos continuar vivos e juntos nesta terra tão devastada” (p. 131).

Além dos cinco capítulos citados, a obra contém, no final, agradecimentos, notas e índice remissivo. Nas notas, o autor cita as muitas fontes que orientaram a escrita de cada um dos capítulos, o que possibilita ao leitor percorrer as indicações apontadas por Manguel.

Em síntese, “A cidade das palavras” sugere aos leitores a reflexão a partir de histórias criadas e

contadas pelos seres humanos em diferentes momentos. Pensadores que discutem questões acerca da linguagem, da leitura, da cultura e da sociedade têm o direito de conhecer o percurso apresentado por Manguel. A obra dialoga com inquietações tanto do leitor eclético quanto do estudante de graduação ou pós-graduação, ou mesmo dos docentes que atuam em diferentes níveis. É mais do que um livro restrito a questões

atinentes a uma disciplina específica, trata-se de uma leitura para a vida.

Received on February 20, 2009.

Accepted on May 11, 2009.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.